

“A Guerra de Canudos”

José Calasans

Encontramos, há algum tempo, na biblioteca da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, um folheto em verso, de autoria desconhecida, assim registrado na respectiva ficha do catálogo: “A Guerra de Canudos”.s.1.p.s.c.p.s.d. 16 p.

Gostamos do folheto, escrito em versos de seis pés, no qual o poeta desconhecido descreve a campanha de Canudos, deixando claro que participara da luta, integrando um dos batalhões da expedição Artur Oscar, tendo permanecido no teatro das operações militares até o final da sangrenta guerra dos sertões baianos, conforme nos conta nos seguintes versos:

Conselheiro estava morto
Foi do seu túmulo arrancado
Largando barba e cabelo
Há dias foi enterrado
Então viemos embora
Que tudo estava acabado

Os oficiais telegrafaram
De Queimadas em seguida
Eu também telegrafei
A minha família querida
Dizendo atravessei
O tal Canudos com vida

Não ficaram aí, porém, os únicos dados biográficos do autor. Após haver mencionado sua presença em Canudos, ele referiu, rapidamente embora, sua passagem por outros pontos do País, no Acre, em Minas Gerais, no Rio de Janeiro.

O cabo Daniel

Preso pelo Conselheiro
Encontrei-o na guerra do Acre
Servindo de artilheiro
Depois deixei em Minas
Vim para o Rio de Janeiro

Terminei duas revoltas
Mais fiquei aposentado
Me lembro do tempo velho
Do serviço de soldado
Quando sonho com a guerra
Acordo entusiasmado

Diante do que acima transcrevemos, evidencia-se que o bardo anônimo era militar, que estivera em Canudos e no Acre, já “aposentado” quando escreveu o interessante folheto. Por outro lado, apesar de não haver o aedo mencionado sua unidade, tudo indica que ele era soldado do 27º, tropa federal aquartelada na Paraíba, tantas são as referências ao dito batalhão. O 27º aparece frequentemente nos versos do nosso menestrel. Desde sua partida da Paraíba. Sua passagem por Pernambuco.

O 27º não tendo
Vapor para embarcar
Seguiu em trem expresso
Da Paraíba ao Pilar
Fez a viagem por terra
Por ordem de Artur Oscar
Achando-se no Recife
Num largo da capital
O 14º e o 27º
Formaram linha lateral
Fez um pequeno discurso
Nosso bravo general

O 27º é batalhão novo
Inda não deu campanha
É um batalhão garboso
Também contar façanha
Quer seu nome na história
Das vitórias que se ganha.

Prosseguindo, quando relata as ações militares, os feitos do 27º estão sempre em primeiro plano, indicando um maior conhecimento do que se passara nas fileiras da sua tropa. Entra muitas vezes em pormenores para melhor focalizar a força paraibana.

Amanheceu o domingo
Seguimos marcha pesada
Emídio Dantas Barreto
Ia levando a vanguarda
O 25º e o 27º
Iam dar numa emboscada

Pegou a descer doente
Manquejando pelo pé
Para a Bahia os feridos
Com o general Savagê
O 27º era que vinha
Deixá-los no Jueté

O coronel Olímpio
Com o 27º batalhão
Tomou a fazenda velha
Onde assentou seu canhão

Então daí todas as forças
Melhoraram de posição.

Também não caiu no olvido o papel desempenhado pelo major Henrique Severiano da Silva, por sinal um dos melhores oficiais da luta, comandante do 27º, bravamente sacrificado nos derradeiros momentos da resistência conselheirista.

O major Severiano
Gritou como mais guerreiro
Dizendo viva a República
E o exército brasileiro
Já se botando os feridos
Na sombra de um umbuzeiro.

Fomos chorar pelos mortos
Companheiros veteranos
Morreu cinco comandantes
E o major Severiano
Mais de cinco mil homens
Ficaram no solo baiano.

Na cova de Severiano
Comandante Tupi Caldas
Escreveu-se lembrança fúnebre
Pelos soldados chorada
Sentindo os oficiais
Perder tão valente espada.

A leitura constante e atenta de “A Guerra de Canudos”, cuja autoria sempre desejamos identificar, trouxe-nos a convicção de que o poeta-soldado de Canudos era um autêntico versejador, um homem afeito à poesia e não mero participante

da campanha, de veleidades trovescas, que quisera fixar no verso suas impressões de combatente, formulando um depoimento rimado. Havia, de fato, inspiração poética em muitos trechos do trabalho, que tivemos, aliás, ensejo de ouvir declamados nos sertões da Bahia, atestado eloquente da popularidade da composição. Realmente, nas estrofes abaixo, narrando o desbarato da expedição Moreira César, o lírico coloca na boca do coronel Pedro Tamarindo palavras deveras impressionantes, vivas, coloridas.

Senhor major Cunha Matos

Tome conta da brigada

Sustente o fogo de costa

Com a mesma retirada

E não me deixe morrer

As mãos desta jagunçada

Escapa, escapa soldado

Quem tiver perna que corra

Quem quiser ficar que fique

Quem quiser morrer que morra

Há de nascer duas vezes

Quem sair desta gangorra.

Pelo exposto, havíamos concluído que o autor do folhetim era um poeta popular de boa classe, que tomara parte no embate do Belo Monte e andara no longínquo Acre, era militar e pertencera ao batalhão da Paraíba. Nenhuma indicação, porém, quanto ao seu nome. Uma, casualmente, deparamos no livro “Cantadores e poetas populares”, de Francisco das Chagas Batista, o nome de um cantador do nordeste que julgamos ser o do nosso procurado autor. Trata-se do poeta João Melchiades Ferreira da Silva, apelidado o “cantor de Borborema”. A seu respeito, informa, textualmente, Chagas Batista, às páginas 176 da citada obra, aparecida em 1928 -: “João Melchiades nasceu na cidade de Bananeiras, em 7 de setembro

de 1869. Sentou praça nas fileiras do exército brasileiro, aos 19 anos de idade. Foi promovido a sargento em 1893. Fez as campanhas de Canudos em 1897 e Acre, em 1903. Mestrou a banda de corneteiros do 28º batalhão, em S. João da Barra, no Estado de Minas Gerais. Tendo sido asilado em 1904, veio para a Paraíba do Norte, onde ainda hoje mora. Cantador e poeta de gabinete, tem escrito muitos folhetins de versos, sendo alguns de combate ao protestantismo. Anualmente viaja pelo interior dos sertões do nordeste, vendendo seus folhetos e cantando. Nunca foi vencido por outros cantadores”

Os dados coincidem. Quase diria que concordam em gênero, número e grau... João Melchiades Ferreira da Silva é o autor do folheto “A Guerra de Canudos”, cujo *fac-símile* da capa juntamos ao presente trabalho. Parece-nos de interesse histórico e folclórico a identificação de autoria de um dos mais sugestivos documentos de feição popular sobre a guerra do Bom Jesus Conselheiro, como o leitor poderá constatar lendo o apontado texto, que apresentamos a seguir.

No ano noventa e sete
O exercito brasileiro
Achou-se comandado
Pelo general guerreiro
De nome Arthur Oscar
Contra um chefe cangaceiro

Ergueu-se contra a República
O bandido mais cruel
Iludindo um grande povo
Com a doutrina infiel
Seu nome era Antônio
Vicente Mendes Maciel.

Por causa deste bandido
Ter a mãe assassinada
Fugiu de Aracaty

Do Ceará seu Estado
Vestia-se como frade
Se conservando barbado.

De alpercatas, um cajado
Armado de valentia
Seu pensamento era o crime
Outra coisa não queria
Agradou-se de Canudos
Que é sertão da Bahia.

Para iludir ao povo
Ignorante do sertão
Inventou fazer milagre
Dizia em seu sermão
Que virava a água em leite
Convertia as pedras em pão.

Criou-se logo em Canudos
Um batalhão quadrilheiro
Para exercitar os crimes
De um chefe cangaceiro
Então lhe deram três nomes
De Bom Jesus Conselheiro.

Os homens mais perversos
De instinto desordeiro
Desertor, ladrão de cavalo,
Criminoso e feiticeiro,
Vieram engrosar as' tropas
Do fanático Conselheiro.

Dispondo o Conselheiro
De gente a sua vontade
Levantou duas Igrejas

E construiu uma cidade
Se fêz govêrno dela
Com muita ferocidade.

Tomou vinte leguas em roda
Com as fazendas de gado
Matando os fazendeiros
Deixando prédios arrazados
E muitos para escapar
Foram os seus recrutados.

Confiado no cangaço
E nos crimes que fazia
Acabou com os impostos
Pelo centro da Bahia
Dizendo que mais tarde
Restaurava a Monarquia.

Foi acabar com os Canudos
A Primeira expedição
Do Tenente Pires Ferreira
Que chegando ao Sertão
Foi ferido com as Praças
Voltou sem ganhar ação.

Na guarnição da Bahia
O Comando do distrito
Baixou em ordem do dia
Do telegrama transcrito
Para nova expedição
O major Febrônio de Brito.

Partiu o major Febrônio
Comandando um batalhão
De quatrocentos soldados

Com dois Krups' e munição
Os jagunços do cambaio
Cortaram-lhe a direção.

Por oito mil jagunços
Foi o major atacado
O major para combate
Mandou formar um quadrado.
Na luta o bravo major
Ficou muito admirado.

Conheceu o Major Febrônio
Que a guerra não vencia
Morreram dez soldados
De sua infantaria
Matou noventa jagunços
E voltou para a Bahia.

Foi tirado Moreira Cesar
Com o 7º de infantaria
Um contingente de engenheiro
Um esquadrão de cavalaria
Veio engrossar as tropas
Da guarnição da Bahia.

O govêrno da Bahia
Com histórias traiçoeiras
Disse a Moreira Cesar
Canudos é uma asneira
Lá só tem duzentos homens
E umas velhas rezadeiras.

Moreira Cesar enganado
Subiu para o alto sertão
Com mil e duzentos homens

Quatro peças e munição
Marcharam três Coronéis
Com esta expedição.

Sabendo o Conselheiro
Noticia por seu espia
Que o Moreira Cesar
Sôbre o Canudo investia
Estava com três léguas
Chegava no outro dia.

Informado o Conselheiro
Que só vinha uma brigada
Retirou logo os piquetes
Da sua guarda avançada
Para derrotar Cesar
Lhe confiou a entrada.

Avançou Moreira Cesar
Em ala de batedores
Sem encontrar resistência
Para seus franqueadores
Assim entrou em Canudos
Em linha de atiradores.

Levantou-se o Canudos
Qual moribundo assanhado
Com grande fuzilaria
Entrou a morrer soldados
Foi logo Moreira César
Gravemente baleado.

Moreira Cesar afastando
Na favela acampou
Deu parte aos companheiros

Do balaço que tomou
E o comando das fôrças
Ao Tamarindo entregou.

Morreu Moreira César
Perdeu-se um homem guerreiro
Esmoreceu Tamarindo
Seu intento derradeiro
Mandou tocar retirar
Com medo do Conselheiro.

Deu coragem aos jagunços
Que ao ouvir tocar retirada
Correram pelas varedas
Empiquetando a vanguarda
Abandonaram os feridos
Desparou tôda brigada.

No Angico Tamarindo
Terminou sua partida
Foi varado de uma bala
Dizendo: "Pela ferida"
Dou quatro contos de réis
A quem salvar minha vida.

Senhor Major Cunha Matos
Tome conta da brigada
Sustenta o fogo de costas
Com a mesma retirada
E não me deixe morrer
As mãos desta jagunçada.

Escapa escapa soldado
Quem tiver perna que corra
Quem quiser ficar que fique

Quem quiser morrer que morra
Há de nascer duas vezes
Quem sair desta gangorra.

A artilharia de pezada
Ficou sem proteção
Coitados dos artilheiros
Que foram pegado a mão
Tomada as bocas de fogo
Morta sua guarnição.

O Capitão Vilarin
Batalhou como um leão
Recebeu muitas feridas
Abraçou-se com o canhão
Morreu assim abraçado
Com as armas da Nação.

O cabo Daniel
Com outro seu companheiro
Foram presos com as peças
A presença do Conselheiro
Então ficou o Canudos
Com peça e chefe artilheiro.

Os cadáveres dos militares
Foram todos encoivarados
O coronel Moreira Cesar
Na coivara foi queimado
O coronel Tamarindo
Morreu num pau amarrado.

Teve um Dr. Engenheiro
que se vendo perseguido
Subiu a uma montanha

E lá ficou esquecido
Sofrendo de fome e sede
Morreu num bosque perdido.

Queimadas telegrafou
Para o Rio de Janeiro
Morto Moreira César
Vitória do Conselheiro
Esta notícia assustou
Todo exército brasileiro.

O senhor ministro da guerra
Tratou de telegrafar
Para todos os comandos
De distrito militar
Que reunisse os batalhões
Urgente para embarcar.

Então do Norte e do Sul
O exercito se movia
Vindo tudo se ajuntar
No Estado da Bahia
Queimadas era o ponto
Que as Fôrças se reunia.

O 27º não tendo
Vapor para embarcar
Seguiu em trem expresso
Da Paraíba ao Pilar
Fez a viagem por terra
Por ordem de Arthur Oscar.

O general Arthur Oscar
Nesta operação
Ofereceu-se pra ir

Comandar a expedição
De acordo com o ministro
E o governo da Nação.

Achando-se no Recife
Num Largo da Capital
O 14° e o 27°
Formaram linha lateral
Fez um pequeno discurso
Nosso bravo general.

Aqui, disse o general,
Soldados nossa viagem
É marchar para o inimigo
Dá o passo de coragem
E voltar no fim da guerra
Gozar da nossa vantagem.

O 14° batalhão
Na guerra é veterano
Nunca recuou combate
No mais arriscado plano
Chora sua partida
O povo Pernambucano.

O 27° é batalhão nôvo
Inda não deu campanha
É um batalhão garboso
Também contar façanha
Quer seu nome na História
Das vitórias que se ganha.

Foram oito coronéis
E também três generais
Quatro tenentes-coronéis

Com bravos oficiais
Das nossas Fôrças Legais

O general Savaget
Pelo Sergipe seguia
Com a segunda divisão
Que para Canudos ia
Arthur Oscar e Barbosa
Subiram pela Bahia.

A 25 de Junho
Nós dormimos no Rosário
Chegamos a 26
No tal rancho do Vigário
Com mais três léguas davamos
No Canudo sanguinário.

Amanheceu o domingo
Seguimos marcha pesada
Emigdio Dantas Barreto
Ia levando a vanguarda
O 25° e o 27°
Iam dar numa emboscada.

Nós marchavamos no silêncio
A divisão se assustou
Vendo a cinza dos defuntos
Que o Conselheiro queimou
Entre a Ser[??] do Angico
O fogo arrebatou.

O Major Severiano
Gritou como mais guerreiro
Dizendo Viva a República
E o exercito brasileiro

Já se botando os feridos
Na sombra de um umbuzeiro,
Nós chegamos em Canudos
Às 5 e meia da tarde
Em uma chuva de bala
Causando uma mortandade
Cessou fogo com a noite
Já pela obscuridade.

O coronel Olímpio
Estendeu artilharia
No alto da favela
Em ordem de bateria
Começou o bombardeio
Na manhã do outro dia

O Conselheiro mandou
Cercar nossa divisão
Fazer melhor pontaria
Sôbre os homens de galão
Pois não temia ao govêrno
Nem a sua Expedição.

Então travou um combate
Ribombava a artilharia
Do exercito e jagunços
Queimavam a fuzilaria
Tornou-se uma trovoada
Em todo correr dos dia.

Amanheceu 29
Todo campo ensangüentado
O general Savaget
Já estava baleado

Se enterrando os mortos
E o hospital medicado
Nove carros de farinha
Os jagunços havia queimado
Mataram quatro marchantes
Que vinham fornecer gado
Vi morrer gente de fome
Porque não ouve cuidado.

Morreu o coronel Flores
Nos combates da entrada
Dantas Barreto assumiu
O comando da brigada
Levando o 25º
Batalhão de sua guarda.

Um marchante de Vila Nova
Odiava ao Conselheiro
Chegou a 13 de Julho
Com o Coronel Medeiros
Com a boiada em Canudos
Para o exercito brasileiro.

A 18 do mês de Julho
Com tôda a atividade
Deu-se um ataque em Canudos
E tomou-se pela metade
Os mortos foram demais
Constituiu nossa vontade.

O nosso comando em chefe
Vendo a tropa num destroço
Telegrafou ao govêrno
Mandou pedir refôrço

Que para vencer Canudos
Ocupava um grande esforço.

O coronel Olympio
Nesta luta não dormia
Bombardeando Canudos
Ocupado noite e dia
Não cessava o tiroteio
Da nossa fuzilaria.

Pegou a descer doente
Manquijando pelo pé
Para a Bahia os feridos
Com o general Savaget
O 27º era quem vinha
Deixá-los no Jueté.

Morreram muitos oficiais
E baixaram para a Bahia
Tanto que um alferes
Do 15º de Infantaria
Servia como fiscal
E comando de companhia.

Chegou até Monte Santo
Nosso grande marechal
Bittencourt ministro da guerra
Com o refôrço Federal
Do Pará, Manaus e S. Paulo
Veio a força Estadual.

O Coronel Olympio
Com o 27º batalhão
Tomou a fazenda velha
Onde assentou seu canhão

Então daí tôdas as forças
Melhoraram de posição.

Chegou o reforço em Canudos
Para a luta melhorar
O general Carlos Eugênio
Irmão de Arthur Oscar
Então correu a notícia
Canudos vae se acabar.

Seguiu-se a linha de fogo
Circulando o arraial
Fez-se cerca dos soldados
A especie de um curral
Ficou Canudos cercado
Pela força Federal.

Incendiou-se Canudos
Muitos morreram queimados
Nas labaredas de fogo
Ficaram carbonizados
Achou-se as mães em carvão
Com os filinhos abraçados.
Nosso pavilhão de guerra

Asteado tremulando
Os comandos de brigada
Foram o combate apertando
A vitória da batalha
Nos montes nos procurando.

Os jagunços encurralados
Brigando sem garantia
Ergueram bandeira branca
Como quem a paz pedia

Saiu fora um beatinho
Uma embaixada trazia.

Chegou-se ao comandante chefe
Deu logo a sua embaixada
Os jagunços mandaram dizer
A guerra estava acabada
Deixando êles irem embora
Com as armas de caçada.

O general respondeu
Não há acordo a fazer
Porque não cuidaram antes
Deste primeiro dever
Pois êles foram culpados
De tanta gente morrer.

Derramaram muito sangue
Levaram a vida em matar
Lhe concedo duas horas
Que venha se apresentar
Êles ficaram e mandaram
As mulheres se entregar.

No dia 5 de Outubro
A cidade foi tomada
As cornetas avisaram
Pelo toque de alvorada
Que a vitória chegou
A guerra estava acabada.

Fomos chorar pelos mortos
Companheiros veteranos
Morreu cinco comandantes
E o major Severiano

Mais de cinco mil homens
Ficou no solo baiano.

Foi desmanchada a cidade
Tôda telha se quebrou
Derrubamos as Igrejas
A madeira se queimou
A cidade criminosa
Como tapera ficou.

Na cova de Severiano
Comandante Tupy Caldas
Escreveu-se lembrança funebre
Pelos soldados chorada
Sentindo os oficiais
Perder tão valente espada.

Conselheiro estava morto
Foi de seu tumulo arrancado
Largando barba e cabelo
Há dias foi enterrado
Então viemos embora
Que tudo estava acabado.

Os oficiais telegrafaram
De Queimadas em seguida
Eu também telegrafei
A minha família querida
Dizendo atravessei
O tal Canudos com vida.

O cabo Daniel
Prêso pelo Conselheiro
Encontrei-o na guerra do Acre
Servindo de artilheiro

Depois deixei-o em Minas
Vim para o Rio de Janeiro.

Brasileiro é um povo mau
A inveja o crime encerra
A política é quem impeta
Mais o crime em nossa terra
Pois nos braços da política
Morreu o ministro da guerra.

Terminei duas revoltas
Mais fiquei aposentado
Me lembro do tempo velho
Do serviço de soldado
Quando sonho com a guerra
Acordo entusiasmado.